**A falsa medida do homem, de Stephen Jay Gould.**

**Alexandre de Britto Redondo – 8533812**

**Danielle Fernandes Ratte - 8533274**

**Lilian Quintanilha Oliveira - 8602701**

**Melissa Gabrielle Costa de Azevedo - 8602830**

**Victória Alcântara Moreno - 8533677**

**INTRODUÇÃO – páginas 3 -14**

Quando uma sociedade está em formação, não há regras e nem normas. Se um determinado grupo de pessoas deseja estabelecer alguma forma de governo sobre os demais, é necessário criar um critério que justifique a superioridade de uns sobre os outros e instaure a ordem almejada.

 O autor Stephen Jay Gould mencionou em seu livro “A falsa medida do homem”, três possíveis alternativas que determinaram em alguma fase da história, a hierarquização dos seres humanos.

 A primeira citada foi a Dialética. Na Grécia Antiga (época de Platão), especialmente em Atenas, se um cidadão aspirasse à ocupação de um cargo político da cidade, seria preciso que ele dominasse a arte da oratória para derrotar seus adversários nos debates eleitorais. Nessa época, falar bem se tornou algo tão valorizado que a demanda por homens que dominavam essa habilidade era enorme. Surgiram então os chamados sofistas, que se diziam sábios e conhecedores de técnicas de diálogos e argumentação, e cobravam para dar aulas e apresentações para quem estivesse interessado.

 Um segundo método de domínio, segundo Stephen, foram os dogmas impostos pela Igreja Católica na Idade Média. A população europeia era basicamente constituída por nobres, servos e clero. Cada um deveria se contentar com a sua devida condição social, pois se acreditava que o destino já era determinado ao nascer, e o desejo de alterar a posição social proporcionaria o desvio do caminho da Salvação.

 O terceiro procedimento abordado pelo autor foi o determinismo biológico. A partir do período renascentista, a busca pela razão ganhou força, as ciências se desenvolveram e a evolução intelectual assumiu a função de fator diferencial. Foram criadas teorias como o Q.I Hereditário e a craniometria (quanto maior o tamanho do crânio do indivíduo, maior seria sua inteligência).



COMPLEMENTANDO\*:

Esses estudos serviram de explicação para o Neocolonialismo da África e geraram atividades preconceituosas como o racismo. Em tese, a população africana (subsaariana) teria uma capacidade cerebral inferior a dos europeus, e estes últimos, seriam os encarregados de doutrinas e aplicar os ideais de civilização no continente em questão. Na prática, a real preocupação do “Velho Continente” se resumia na exploração dos recursos naturais, e o resultado desse processo foi a consolidação das novas nações africanas com fronteiras territoriais que não respeitam as diferenças etno-culturais dos povos nativos, ocasionando miséria e constantes guerras civis nessas regiões até os dias atuais.

\* O conteúdo desse quadro não faz parte do texto, é uma relação feita pelo grupo do conteúdo do texto com a situação africana.

**UMA INVENÇÃO AMERICANA – páginas 149 – 162**

O diretor de laboratório de psicologia de Sorbonne chamado Alfred Binet foi criador do que chamamos de teste de Q.I., porém antes chegar á esse método, Binet percorreu um longo percurso em seus estudos. Ele decidiu estudar a medição da inteligência e teve como ponto de partida a craniometria.

CRANIOMETRIA: relaciona o volume da cabeça com a inteligência.

Após inúmeras experiências, Binet concluiu que essa teoria não era confiável, a diferença das medidas era mínima o que o fez afirmar que “era evidente que o método não servia para avaliar indivíduos”.

Em 1904, Binet resolveu substituir seus enfoques médicos pelos psicológicos. Ele criou uma série de tarefas que ajudariam a identificar as diferentes capacidades da inteligência em cada individuo. Nesse mesmo ano, o Ministro da Educação pediu a ele que desenvolvesse um estudo que pudesse identificar crianças que precisavam de alguma espécie de educação especial.

Foi então que ele selecionou diversas atividades baseadas em problemas cotidianos, o interessante era que Binet pretendia avaliar as habilidades “naturais” de cada criança, aquelas que não foram adquiridas através da educação. Ele buscava avaliar a “direção, compreensão, a invenção e a crítica”. Binet pretendia atribuir um número ao resultado de cada teste o que facilitaria a comparação. Esse número seria sua “idade mental” e possibilitaria o cálculo de seu nível intelectual. Se sua idade mental fosse muito inferior a sua idade natural, essa criança carecia da educação especial.

Binet sabia que não era possível medir a inteligência e tinha consciência de que havia criado apenas um método para uma finalidade prática. Ele afirmava: “A escala, rigorosamente falando, não permite medir a inteligência, porque as qualidades intelectuais não se podem sobrepor umas as outras, e, portanto, é impossível medi-las, como se medem as superfícies lineares”. (página 154)

Era importante para ele deixar claro que a intenção da obtenção desse número, que mais tarde seria chamado de Q.I., era auxiliar o desenvolvimento dos alunos e não impor-lhes rótulos e limites.

**ATENÇÃO**: Binet não era hereditarista.

Binet não criou apenas a base do sistema de Q.I. como também fez diversas sugestões pedagógicas que formaram o programa “ortopedia mental” que eram voltados para a educação especial já comentada. Nela, as aulas deveriam ensinar os alunos a aprender: alimentar a vontade, a atenção e a disciplina.

 TRÊS PRINCÍPIOS PRIMORDIAIS PARA A APLICAÇÃO DOS TESTES DE BINET:

3 – “*Qualquer que seja a causa das dificuldades de que padecem as crianças, a ênfase deve recair na possibilidade de aprimoramento da sua capacidade através de uma educação especial. Os baixos resultados não devem ser usados para se atribuir às crianças o rotulo de incapacidade inata”. (página 158)*

2 - *“A escala é um guia aproximativo e empírico para a identificação de crianças ligeiramente retardadas e com problemas de aprendizagem, que necessitam de uma assistência especial. Não é um recurso para o estabelecimento de qualquer hierarquia entre crianças normais”. (página 158)*

1 – *“As marcas obtidas constituem um recurso prático; não são o arcabouço de uma teoria do intelecto não definem nada de inato ou permanente. Não podemos dizer que medem a ‘inteligência’ ou qualquer outra entidade ramificada“. (página 158)*

**H. H. Goddard e a ameaça dos débeis mentais – Págs. 162 – 179.**

****

“Resta agora que alguém determine a natureza da debilidade mental e complete a teoria do quociente de inteligência.” (H.H. Goddard, 1917).

No inicio do século XX, vários psicólogos começaram a querer classificar os tipos de deficiência mental. A partir de vários debates, foi aceito que:

*Idiotas*, seriam pessoas que tivessem idade mental inferior aos três anos de idade.

*Imbecis*, seriam pessoas cuja idade mental variava entre os três e os sete anos.

 (Atualmente, ambos os termos estão tão arraigados na linguagem injuriosa que poucas pessoas reconhecem o sentido técnico que lhes atribuía a velha psicologia)

Tanto os idiotas quanto os imbecis eram classificados e separados porque, segundo os psicólogos, sua enfermidade era suficientemente grave. Para eles, essas pessoas não eram iguais aos outros seres humanos. Porém, para Goddard havia uma categoria de deficientes mais “ameaçadora”. Ou seja, seriam aqueles deficientes que poderiam desempenhar funções na sociedade, Goddard os chamou de *morons* (débil mental).

Goddard foi o primeiro divulgador da escala de Binet nos EUA. Porém, diferente de Binet que negou a definir os resultados de seus testes como “inteligência” e chamou seus estudos de identificação de indivíduos que necessitavam de ajuda. Segundo o texto:

“O objetivo de Goddard era identificar indivíduos deficientes e impor-lhes limites, segrega-los e reduzir a sua procriação, evitando assim a posterior deterioração da estirpe americana, ameaçada externamente pela imigração e interiormente pela prolífica reprodução dos débeis mentais.” (pg. 163)

Para Goddard, todos os que tivessem idade mental entre oito e doze anos eram débeis mentais, *morons,* e todos deveriam receber o mesmo tratamento, era preciso interna-los ou mantê-los sob vigilância rigorosa, satisfazer as suas necessidades ditadas pelas suas limitações e, assim, mantê-los contentes, e, principalmente, evitar que se reproduzissem.

Outra classificação que Goddard fez aos chamados por ele de débeis mentais era de que eles seriam mais propensos à imoralidade. Segundo ele: “A inteligência superior, além de nos permitir fazer contas também engendra o bom juízo indispensável à conduta moralmente sadia”. (pág. 165)

E ele continua dizendo que: “A inteligência controla as emoções e as emoções são controladas proporcionalmente ao grau de inteligência... Portanto, quando a inteligência é pequena, as emoções não são controladas, e, sejam elas fortes ou fracas, serão traduzidos por atos desordenados, descontrolados e, como prova a experiência, geralmente indesejáveis. Portanto, ao medirmos a inteligência de um individuo e comprovarmos que a mesma se situa abaixo da norma o bastante para incluí-lo no grupo dos que chamamos de débeis mentais, conhecemos o dado fundamental sobre o referido individuo” (1919, p. 272).

A partir disso, muitos criminosos, alcóolatras, prostitutas ou até “fracassados” que não se encaixavam na sociedade americana eram chamados de débeis mentais. Para Goddard não deveria haver igualdade social, pois a capacidade mental apresentava uma variação muito ampla entre as pessoas, não sendo assim possível que isso ocorresse. A “Democracia” para ele “significava que o povo governa selecionando os mais sábios, os mais inteligentes e os mais humanos, para que estes lhe digam o que deve fazer para ser feliz. A democracia é, portanto um método para se chegar a uma aristocracia realmente benévola”.

Goddard trabalhou em uma época em que todo o mundo estava entusiasmado pelo redescobrimento da obra de Mendel e pela possibilidade de decifrar as bases da hereditariedade. Portando ele concluiu que todas as deficiências mentais eram fatores hereditários, e segundo ele a “inteligência normal” era um caráter dominante, sendo assim a deficiência, recessiva. Goddard afirmou que havia chegado a essa “surpreendente” conclusão impulsionado pelos fatos, e não por algum tipo de expectativa preconcebida. Para ele a eliminação final trata-se de impedir que essa classe de pessoas tenha filhos.

“Se ambos os pais são débeis mentais, todos os filhos serão débeis mentais. É evidente que se deve impedir esse tipo de acasalamento. É perfeitamente claro que se deve impedir que uma pessoa débil mental se case ou tenha filhos. Sem dúvida, para que esta regra seja cumprida, ela deve ser imposta pela parte inteligente da sociedade” (1914, p. 561)

Uma vez que Goddard havia identificado o “gene causador da debilidade mental” o remédio seria proibir a reprodução dos débeis mentais internamente, e impedir a entrada de novos elementos desse tipo no país. Através disso, Goddard começou a observar as condições de controle dos imigrantes que chegavam nos EUA, e aplicava a escala de Binet em alguns imigrantes que ele só de olhar já considerava um débil mental. Com ajuda de mulheres, que segundo ele, eram intuitivas, ele começou a reconhecer débeis mentais que chegavam no país e começou a fazer testes neles.

 

Claro que ele encontrou muitos “débeis mentais” já que a maioria dos imigrantes que chegavam aos EUA naquela época eram pobres, nunca tinham ido à escola e muitas vezes nunca tinham pegado em um papel ou uma caneta.

 Anos mais tarde Goddard se retratou, em conformidade com as ideias de Binet, Goddart demonstrou que a maioria quando não todos, independente da deficiência mental, podiam ser educados para desempenhar uma vida útil na sociedade. Segundo ele:

“O problema do débil mental é um problema de educação e adestramento (...) quando vejo o que se conseguiu com um sistema educacional que, como regra geral, só tem 50% de educação, fica-me fácil concluir que, quando contarmos com um sistema totalmente adequado, todo deficiente poderá encarregar-se de si mesmo e de seus assuntos, bem como competir na luta pela vida. Se a isto pudermos acrescentar um sistema social capaz de realmente oferecer a cada homem uma oportunidade, já não haverá nenhuma dúvida quanto ao resultado”. (1928, pp. 223-224)

 Mesmo se retratando estudo de Goddard nada mais foi que uma série de conjeturas apoiadas em conclusões determinadas de antemão. Preconceituoso que por muitos anos foi aceito, e pode ter ocasionado tanta segregação social nos EUA, desde negros, latinos e europeus. A xenofobia, sentimento muito criticado nos Estados Unidos hoje em dia, nada mais é que uma extensão de seus estudos.

A cerca de um tema tão polemico, uma breve reflexão: não podemos deixar de lembrar o quanto as ideias que permeiam o determinismo biológico ainda estão presentes na historia contemporânea. É assustador quando percebemos a que ponto chegou sua aplicação, denegrindo a história da humanidade por quase todo um século.

A construção deste trabalho nos trouxe uma compreensão histórica sobre assunto, necessária para a formação de uma sociedade mais pluralista e livre de preconceitos.

Referência:

GOULD, S. J. Introdução; A teoria do Q.I. hereditário. In: *A falsa medida do homem.* São Paulo: Martins Fontes, p. 3-14; 149-162, 1991.